

II Encontro Nacional de Museus do Vinho

MUSEUS DO VINHO, O PRESENTE ENQUANTO FUTURO | TERRITÓRIO, SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO

O II Encontro Nacional dos Museus do Vinho tem como objetivo estabelecer uma reflexão sobre a realidade inerente à museologia ligada ao património vinhateiro em Portugal. Assente no levantamento da realidade presente, o II ENMV, pretende igualmente lançar o debate sobre o futuro desta temática. O Encontro Nacional é uma iniciativa da Rede de Museus Portugueses do Vinho [RMPV] da Associação de Municípios Portugueses do Vinho [AMPV] em parceria institucional com o Museu do Douro [MD] e a Rede de Museus do Douro [RMD] e conta com o apoio científico do Centro de Estudos de Desenvolvimento Turístico [CEDTUR] do Instituto Superior da Maia [ISMAI] e do Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento [CETRAD] da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro [UTAD].

PROGRAMA | 10 de novembro

09h00 · Receção

09h30 · Sessão de abertura.

Fernando Pinto | Presidente do Conselho Diretivo da Fundação Museu do Douro, F.P.

José Arruda | Associação de Municípios Portugueses do Vinho

Nuno Gonçalves | Presidente da Câmara Municipal de Peso da Régua

10h00 · Aspetos tecnológicos da vinha e do vinho da Antiguidade clássica à Época Moderna.

Carlos Brochado de Almeida

10h20 · Os Lagares escavados na rocha na Região Demarcada do Douro – um projeto de “Corpus”.

Mila Simões Abreu | Rui Tina Neto | António Pirra

10h40 · Um território, uma Alma. Alvarinho mais do que um Vinho!

Odete Marta Barra | Paulo Celso Monteiro

11h00 · A casa dos Patudos – Museu de Alpiarça: o vinho, a vinha e a arte.

Nuno Prates

11h20 · Intervalo.

11h40 · A vinha e os Vinhos Cistercienses na Época Moderna.

António Maduro

12h00 · Provesende nas aulas de Matemática no 2º ciclo: contributos para o estudo do património numa aldeia vinhateira do Douro.

Paula Catarino | Maria Nascimento | Cecília Costa

12h20 · Os museus e a musealização como vetor de conservação do conhecimento tradicional.

Rossano Lopes Bastos

12h40 · A importância do Design de comunicação na imagem gráfica dos vinhos do Douro | A pertença da Universidade às problemáticas do futuro.

António Modesto | José Paiva

13h00 · ALMOÇO LIVRE.

15h00 · Visita ao Mosteiro de São João de Tarouca | Santa Maria de Salzedas.

17h00 · Visita às Caves da Raposeira.

Patrocínio



Apoio



Organização



PROGRAMA | 11 de novembro

09h30 · Rede de Museus Portugueses do Vinho – enquadramento e projeto.

Alberto Guerreiro

10h00 · Museologia dos museus do vinho e da vinha. Para uma mudança cultural de «museus marginalizados».

Jorge Custódio

10h20 · O Museu do Vinho e da Vinha de Bucelas. Entre a tradição e inovação.

Florbela Batista | Natália Calvo

10h40 · O Museu do “Lambich”, Malegno Valcamonica (Itália).

Angelo Fossati | Mila Simões Abreu

11h00 · Intervalo.

11h20 · Os Museus do Vinho de Espanha.

Maria del Rocío Acha Barral

11h40 · Museu do Vinho de Alcobça: património, economia e desenvolvimento.

Alberto Guerreiro

12h00 · Desenvolvimento e Sustentabilidade: herança cultural, adegas de autor e enoturismo.

Eunice Salavessa

12h20 · Geoturismo e enoturismo em rede: uma mais-valia para o desenvolvimento sustentável da região do Douro.

José Romão | Mónica Sousa | Elisa Preto Gomes

12h40 · Sessão de Encerramento

Fernando Seara – Diretor do Museu do Douro

13h00 · ALMOÇO LIVRE.

15h00 · Visita à Quinta das Carvalhas.

17h00 · Visita à Quinta do Seixo.

Aspetos tecnológicos da vinha e do vinho da Antiguidade clássica à Época Moderna.

Carlos Brochado de Almeida

Desde a sua origem que a vinha passou por processos de aclimatização e consoante as regiões adaptou-se aos mais variados métodos de cultivo. No Douro moldou-se às encostas declivosas cavadas à enxada pelo Homem, mas nas lezírias e terras planas do Alentejo invadiu as terras mais propícias a outras culturas. No Minho associou-se a tutores vegetais dando origem "à vinha de enforcado", enquanto, em tempos cronologicamente diferentes, também invadiu os terrenos de sementeira, até que a revolução do milho a relegou para as bermas dos campos e para cima dos caminhos de servidão dando origem aos lateiros, que também foram uma outra imagem de marca dos Vinhos Verdes até à década de 80 da centúria passada. Desde a antiguidade clássica que as uvas são transformadas em mosto, por processos de pisa que vão do "manual" ao mecânico nos mais diversos tipos de lagares. As grandes produções, ontem como hoje, eram feitas em lagares, devidamente resguardados, construídos com grandes lages de granito ou em formigão, aos quais se associavam sistemas de prensagem, de variadas tipologias, com prevalência para a prensa de Catão. A estes lagares haverá que juntar outros, que foram cavados na rocha, quase sempre a granítica e que povoaram vastas regiões de Portugal, Espanha, Itália e de Israel. Ao contrário dos lagares mais tradicionais, nasceram no seio de pequenas produções, funcionavam ao ar livre e quase sempre também tiveram associados os sistemas de prensagem. O estágio do vinho, desde os primórdios, esteve associado a grandes recipientes de barro, os dolia, muitos deles enterrados no chão das adegas, sendo muito vulgares em regiões que vão da Arménia, passando pela Grécia e pela parte mais mediterrânica da Península Ibérica. Paralelamente usaram-se os grandes dolia não enterrados para armazenar vinho, dispostos em filas e que ainda hoje se podem ver em adegas alentejanas. O armazenamento em dolia esteve longe de ser processo único. Bem cedo, já no mundo romano, se usou o vasilhame de madeira, nomeadamente nas regiões mais ocidentais do Império. Para além de servir para conservar o vinho, foi também um método de o transportar para fora da sua região, como o indicam alguns registos arqueológicos conservados. De barco ou em carros de transporte animal, o vinho viajou por todo o império romano, fosse acondicionado em contentores de barro (dolia e ânforas) ou então em pipas de madeira. Tanto a arqueologia como a antropologia têm provas e explicam todo um conjunto de processos que, mesmo sendo milenares, conservam traços de uma uniformidade que muito pouco mudou.

Os Lagares escavados na rocha na Região Demarcada do Douro – um projeto de “Corpus”

Mila Simões Abreu | Rui Tina Neto | António Pirra

Os lagares escavados na rocha estão entre os vestígios mais antigos associados ao cultivo da vinha da Região Demarcada do Douro. A sua origem perde-se na noite dos tempos mas em muitos casos parece que inicialmente foram escavados já em tempos pré-históricos quando provavelmente se iniciou a vinicultura em terras Durienses.

O estudo de tais elementos, muito frequentes principalmente em zonas de granito permite fazer uma verdadeira viagem no tempo aos primórdios da fabricação do vinho.

A Unidade de Arqueologia está a coordenar um levantamento total desses vestígios das “pias” e “lagaretas” mais simples, aos lagares mais elaborados. Só no concelho da Mêda foram catalogados mais de 50 lagares. O objetivo do inventário passa por tentar elaborar roteiros e agrupar por tipologias.

Os lagares escavados na rocha constituem um elemento fundamental para o estudo da origem da vinicultura em terras do Douro. O Conjunto

identificado no concelho da Mêda, pelo seu estado de preservação, acesso e localização apresenta-se ideal para ser visitado. O estudo da forma como eram utilizados esses lagares pode ser a peça inicial para a constituição de um roteiro turístico que proporciona ao visitante uma verdadeira viagem no tempo.

Um Território, uma Alma. Alvarinho, mais do que um Vinho!

Odete Marta Barra | Paulo Celso Monteiro

O Museu do Alvarinho nasceu da necessidade de dar a conhecer um Território, com um vasto património material e imaterial, das suas gentes e de um produto único e identitário. Trata-se de um novo ponto de encontro de cultura e saberes que reúne conhecimento e espólio museológico ligado à cultura do Alvarinho na sub-região de Monção e Melgaço.

O Museu do Alvarinho é um espaço museológico de nova geração que combina conteúdos de qualidade, com inovação e tecnologia, através de uma exposição que privilegia o conhecimento e os sentidos, constituindo-se um novo atrativo turístico e cultural para o Território de Monção.

A Casa dos Patudos – Museu de Alpiarça: o vinho, a vinha e arte.

Nuno Prates

A nossa comunicação visa uma abordagem das representações da vinha e do vinho nas obras de arte existentes na Casa dos Patudos – Museu de Alpiarça.

O Arquivo Histórico da Casa dos Patudos Museu de Alpiarça documenta o envolvimento de José Relvas na organização e representação dos agricultores ribatejanos. O tema que indubitavelmente mais mobiliza a sua atenção e o seu empenho é o dos vinhos. Este protagonismo que desponta em 1901 e se afirma sobretudo a partir de 1906, de uma forma completamente absorvente, radica em primeiro lugar no homem de Alpiarça, que ama a paisagem da lezíria, com os seus emblemas sociais e culturais que a identificam: os campinos, o gado, as terras alagadas do Tejo, as oliveiras, o montado e o vinhedo emergente.

Em 1907 participa na criação da *Adega Regional do Ribatejo*, sociedade de produtores de vinho de Alpiarça e Almeirim. Esta tem a sua primeira sede na Quinta dos Patudos, em Alpiarça, e mais tarde em Lisboa, na Rua do Crucifixo nºs 118-124. Ainda em Xabregas (Lisboa) possuía um armazém onde os vinhos eram vendidos para outros países. A Casa dos Patudos – Museu de Alpiarça possui um importante espólio de obras de arte que retratam cenas da vida rural, em particular a vinha e o vinho destacando-se, nas várias formas artísticas os grandes mestres da arte portuguesa dos séculos XIX e XX, como por exemplo Rafael Bordalo Pinheiro, Jorge Pinto, Lourenço Chaves de Almeida, Raul Lino ou Constantino Fernandes.

A Vinha e os Vinhos Cistercienses na época moderna

António Maduro

A plantação da vinha europeia está intimamente associada à Ordem de Cister. Os cistercienses difundiram e melhoraram a cultura da vinha e aperfeiçoaram as técnicas culturais e os métodos de produção e conservação do vinho.

A herança vinhateira cisterciense marcou a longa duração e definiu a economia rural dos lugares e da nação propiciando, em certa medida, o caminho da nova ruralidade, nomeadamente a territorialidade da cultura, entre outros aspetos. A revitalização dos vinhos históricos poderá constituir um contributo credível para o desenvolvimento da prática do enoturismo e, nesta perspetiva, cabe aos Museus do Vinho alicerçar a narrativa tornando esta aventura aliciante e compreensível ao visitante.

Provesende nas aulas de Matemática no 2.º ciclo: Contributos para o estudo do património numa aldeia vinhateira do Douro

Paula Catarino | Maria M. Nascimento | Cecília Costa

“Em 2001 nasceu o projeto das aldeias vinhateiras do Douro, com o objetivo de recuperar várias aldeias do Douro Vinhateiro, através da revitalização socioeconómica, da fixação da população (...) do fomento da cultura popular (...)” (S.A., 2016). Em paralelo, em 2006, surgiu um Projeto de Ciência Viva – Projeto Ciência Viva VI, nº 771, intitulado “E se a Matemática transformasse a minha terra na ‘Capital do Universo’?” com as finalidades de desenvolver o gosto pela Matemática, de desenvolver uma identidade científico-cultural e de contribuir para a fixação da população jovem na sua região. Este projeto foi desenvolvido em conjunto com Escolas da Região de Trás-os-Montes e Alto Douro, tendo permitido descobrir inúmeras vertentes do património desta região: artefactos, profissões, tradições, entre outros. O trabalho que apresentamos resultou da implementação deste projeto na Escola Básica 2,3/S de Miguel Torga (Sabrosa), no ano letivo 2006/2007, com os alunos de duas turmas, uma do 5.º ano com alunos da aldeia de Provesende e outra de alunos do 6.º ano (Nascimento et al, 2008). O estudo efetuado no 5.º ano consistiu, não só em conhecer o significado do brasão e das suas componentes, bem como dos seus elementos decorativos e identificação de elementos geométricos. Após esta fase inicial, os alunos mostraram vontade de conhecer os brasões correspondentes aos nomes das suas famílias, e no caso de não existirem, inventaram-nos. Com os alunos de Provesende, conseguiu-se estabelecer uma ligação entre a matemática e a realidade e, em simultâneo, reforçar a identidade cultural da sua terra. Na turma do 6.º ano, começamos por conhecer o significado do brasão, das suas componentes, dos seus elementos decorativos e, finalizamos com o estudo de transformações geométricas, como, por exemplo, desenhar figuras com um, dois, ou mais eixos de simetria. Os alunos criaram o livro das simetrias e, com o apoio dos professores da disciplina de Educação Visual e Tecnológica, quiseram elaborar um quadro sobre os brasões. Passados quase 10 anos, os alunos ainda falam às professoras deste seu trabalho! Deste modo, com esta apresentação do trabalho que realizamos, pensamos poder dar a nossa contribuição para uma abordagem diferente do património e do território do vinho.

Os museus e a musealização como vetor de conservação do conhecimento tradicional

Rossano Lopes Bastos

A conceção museológica é uma atividade e uma prática que remonta ao colecionismo artístico e exótico, desde as primeiras guerras de conquista colonial. Se a geografia serve antes de tudo para a guerra, a museologia existe por outro lado, para marcar quem manda mas também para quem ganhou a guerra.

A nova museologia, entretanto trouxe novo entendimento e novo balizamento para as práticas de comunicar o património cultural. O próprio património cultural adquire uma outra perspectiva e torna-se um campo de saber onde estão assentadas noções, conceitos e definições sobre memória, pertencimento, Território, ideologia, dominação, história, gênero, minorias, diversidade e universalidade.

Diante das diversas perspectivas de museus e musealizações, podemos destacar os museus temáticos, aqueles dedicados a um tema específico. Aqui, encontramos o lugar para conhecer e apresentar o Museu do Vinho. Dentro desde Universo, afim de contribuir como tema elegemos alguns museus de Vinho do sul do Brasil, região vinhateira que reconheceram no museu uma forma de marcar seu conhecimento tradicional e suas práticas geracionais.

Sendo assim, podemos destacar a “**Dal Pizzol**”, que se dedica ao vinho (de uva) há 13 gerações, sendo sete delas no Vêneto (Itália) e seis no Brasil, está localizada em Faria Lemos, Bento Gonçalves, Estado do Rio Grande do Sul.

Em contraposição ao Vinho de Uva, traremos aqui o vinho de caju, fruta típica do nordeste Brasileiro. O exemplo está situado na cidade de João

Pessoa, estado da Paraíba, nordeste do Brasil. Sua característica está na histórica **fábrica Tito Silva**, fundada pelo jornalista Tito Henrique da Silva em 1892, que segundo Cantarelli (2013) era a mais antiga e a maior produtora nacional do vinho de caju, bebida bastante popular no Nordeste por um longo tempo. A fábrica, ao longo da sua história, ganhou diversos prêmios de reconhecimento pela qualidade dos seus produtos, entre eles, um em Bruxelas, em 1911, e outro na Exposição do Centenário do Brasil em 1922, no Rio de Janeiro. Desta forma, traremos estes dois exemplos, um do sul e outro do nordeste, respetivamente de aproveitamento de frutas diferentes, um de uva e outro de caju, buscando discutir como a musealização pode oferecer tratamento diverso e importante tanto no resgate como na patrimonialização, mas também na conservação do conhecimento tradicional de determinadas regiões.

A importância do design de comunicação na imagem gráfica dos vinhos do Douro | A pertença da Universidade às problemáticas do futuro.

António Modesto | José Paiva

A ligação das instituições universitárias aos agentes locais produz melhorias para ambos. O reconhecimento do design enquanto disciplina comparável e complementar à viticultura e à enologia pode produzir benefícios determinantes. A região demarcada do Douro mudou muito nas últimas décadas, do domínio do vinho fino (Porto) aos vinhos de mesa Douro, novas exigências de comunicação e de imagem se impuseram. Exigências de mercado, técnicas e operativas, mas também culturais. A singularidade do Douro, a imagem da região e dos vinhos aqui produzidos exige uma estratégia de comunicação particular e relevante. Uma visão crítica a partir de alguns casos exemplares pode ajudar a entender o valor acrescido do design e a apontar diretrizes.

Resumo das apresentações | 11 de novembro

Museologia dos museus do vinho e da vinha. Para uma mudança cultural de «museus marginalizados»

Jorge Custódio

A emergência do património industrial e técnico criou, à escala-mundo, museus controversos em relação ao *status* dos «museus de prestígio» e de inegável impacto quanto aos horizontes tipológicos, temáticos, sociais e institucionais vivenciados pela museologia convencional. O movimento, iniciado durante as décadas de 1960 e 1970, prolongou-se nas décadas seguintes, e constituiu uma importante “revolução” na história dos museus, quer em termos qualitativos, quer quantitativos. Nunca uma tal diversidade tipológica fora alcançada na história dos museus, nem tão grande dinamismo fora materializado na interpretação cultural e na salvaguarda/patrimonialização de bens culturais. A diversidade desses novos museus (industriais, mineiros, ferroviários, agrícolas, monográficos por produto e/ou indústria) manifestou-se como algo surpreendente e permite compreender a natureza peculiar das sociedades industriais contemporâneas e os avanços significativos dos conceitos de património cultural, no presente e no que irá provir. São museus presos a outros ideários, como a identidade, a memória, a função social ou económica, a revelação dos mecanismos do trabalho, a conservação de ferramentas e máquinas, a participação dos atores sociais e a inclusão social. Museus onde a técnica, o trabalho, a máquina e a arte se relacionam de forma popular.

Simultaneamente, a “revolução” museal instalou-se no campo da museologia e na teoria da produção de museus, não apenas por via de figurinos mais antigos (museus ao ar livre, ecomuseus, nova museologia), mas abrindo-se a outras soluções quer estáticas, quer dinâmicas, assim como à valorização das relações entre sítios, espaços e edifícios industriais, agrícolas e comerciais (valores que potenciaram a participação das comunidades trabalhadoras nas lógicas expositivas e museográficas), à criação de reservas visitáveis, ao carácter informal ou

estruturado das redes de colaboração, de interajuda ou visita, entre outras. Com os museus industriais, os conceitos de conservação do património requereram métodos adequados e outros formulários, estimulando a dinâmica, a experimentação e a vivência.

Uma análise estatística dos museus industriais, mineiros ou ferroviários, quer na Europa, quer no Mundo permite compreender o que se encontra em jogo na generalidade ou na especificidade das suas manifestações – mesmo que a concorrência com os museus de arte e de prestígio motive a “confusão ideológica”, mesmo que o estatuto destes novos museus – assente a universalidade da cultura económica, social, industrial e técnica – não se encontre francamente aceite em Portugal, seja objetivamente marginalizado ou constitua um receio para a ideologia museológica vigente.

Em Portugal, estes museus não podem ter o estatuto dos «sem-abrigo», longe das políticas culturais que, desde sempre, lhe foram adversas. Entre 1982 e 1998, quase nada se fez. As instituições da tutela nem sabiam o que realmente se passava, por desconhecimento das realidades internacionais. Depois veio um vago reconhecimento, suscitado pelas evidências visíveis dos museus-problema no território nacional, ganhando estatuto no Inquérito aos Museus em Portugal (1998). Experimentaram-se algumas medidas que visavam à integração, à orientação técnica e à contenção de alguns exemplares, que a Lei-Quadro dos Museus (2004) subscreveu. Com a crise económico-financeira, cultural e moral do pós-2007 estes novos museus estacaram sem «rede», sujeitos à sua matiz original, às estratégias e capacidades que pudessem desenvolver, submetidos às lógicas políticas errantes, no regresso (desejável!) das políticas do passado/renovado, sem poder contar com os escassos apoios técnicos e financeiros, num esvaziado de regulação das instituições da tutela. Que lugares podiam almejar na renovação da museologia portuguesa e nas estratégias da sua política cultural? Que benefícios podiam trazer às instituições e ao futuro do país? Entre 2012 e 2016, cresceram dificuldades à vida de todos os que pretendiam alcançar direito de cidadania (ou génese) e outras tantas contrariedades aos que existiam, mas ligados à propriedade de instituições não-culturais, assim como a outros tantos que ambicionavam afirmar-se ou renovar-se. Instalou-se um caos não visível na conservação dos bens culturais e nas orientações de gestão, criando uma crise de identidade nos museus industriais e técnicos e do seu verdadeiro papel na Cultura e na projeção de Portugal.

Ora, muitos destes museus industriais, assim como os museus do vinho – enquanto nova realidade da museologia nacional – são essenciais do ponto de vista da própria economia portuguesa. São expressões culturais de indústrias estratégicas (cortiça, vinhos, azeite, conservas) ou de indústrias que detêm um papel relevante no mercado internacional (chapéus, sapatos, lanifícios, têxteis) ou da produção de energia (eletricidade), que por essa razão requerem uma orientação cultural superior no referente à sua razão de ser, afirmação, construção, projeção enquanto montra da economia e da sociedade portuguesa a nível internacional.

Enquanto expressão de identidades, memórias, bens culturais e valores os museus do vinho e da vinha têm de equacionar a sua autonomia museal e a sua estratégia cultural, alcançar a “cidadania” e uma atenção da política museológica do país. A construção da sua estratégia tem de operar-se a breve trecho, para evitar perdas acentuadas e irreversíveis dos seus valores ou função social, posicionando-se no patamar da valorização dos seus acervos e coleções, da sua força anímica e na requalificação museológica e museográfica dos seus acervos.

Esta mutação deverá ser uma exigência cultural e científica da Rede dos Museus da Vinha e do Vinho em prol da história e do património dos vinhos portugueses. Uma luta pela certificação do seu papel no contexto de uma política museológica total e integrada, onde os museus industriais, mineiros e agrícolas deixem de fazer parte dos “parentes pobres da cultura nacional” e adquiram o lugar que merecem a nível internacional.

O Museu do Vinho e da Vinha de Bucelas. Entre a tradição e inovação.

Florbela Batista | Natália Calvo

A ideia de criar um Museu do Vinho em Bucelas estava há muito enraizada na vontade das gentes da terra que, com expectativa e ansiedade, por muitos anos aguardaram a concretização dessa ambição. Bucelas é berço de uma comunidade zelosa da sua identidade e da sua herança, com um orgulho muito próprio no seu vinho branco da centenária região demarcada.

O MVV-B apresenta-se assim com um discurso vocacionado para a história e identidade local sendo que a linha condutora deste projeto museológico privilegia a íntima relação com o território, procurando afirmar-se como uma plataforma de encontro das sinergias locais (produtores, agricultores, comunidade escolar, associações culturais, coletividades...) para o entendimento e valorização da sua unicidade mas, talvez mais importante, para a sua transmissão enquanto herança viva que a todos importa manter.

No decurso dos seus três anos de existência, o Museu do Vinho e da Vinha – Bucelas, tem-se afirmado como um elemento agregador da comunidade local e tem servido de polo dinamizador ao desenvolvimento do território.

O Museu VV Bucelas é um elemento importante considerado nas políticas e estratégias municipais de desenvolvimento, constituindo não só um valioso repositório de história e cultura vitivinícola, como também um agente dinâmico na relevância geográfica, ao contribuir para a construção de novos caminhos e envolvimento de novos atores capazes de promover o crescimento do turismo e enoturismo da região.

A sua ação na promoção das potencialidades turísticas do património natural e cultural é essencial para enaltecer a especificidade territorial onde está inserido, contribuindo para um desenvolvimento integrado e sustentável.

O Museu do “Lambich”, Malegno Valcamonica (Itália)

Angelo Fossati | Mila Simões de Abreu

O Museu do Alambico ou, como vem chamado em dialeto Camuno, Museo del Lambich, é um pequeno museu etnográfico, localizado em Valcamónica, no município de Malegno, província de Brescia, região da Lombardia, em Itália, num antigo edifício, onde até 1958 estava localizado um alambico usado na produção de “grappa”, ou aguardente em Português. O edifício foi construído por um tal Giacomo Furloni (1893-1973) conhecido como Beladì e tinha duas salas, uma servia de armazém e outra albergava na verdade não um, mas dois alambiques. Graças a fundos comunitários a câmara comprou o edifício e decidiu prepará-lo para a visita. A exposição presente no Museu, elaborada pela Cooperativa Archeologica “Le Orme dell’Uomo” de Cervenno (BS) traça a história da viticultura na zona Alpina e em especial na Valcamónica através de painéis com textos e imagens e alguns objetos como, por exemplo, a cópia de um pequeno pilar dedicado a Dionísio criança, descoberto na década de 60 na vila e agora no Museu Nacional de Arqueologia, em Cividate Camuno, sinal evidente da importância da viticultura na Camuna também no passado.

Os Museus do Vinho da Espanha

Maria del Rocio Acha Barral

Esta comunicación tiene por objeto abordar la historia y evolución de los museos del vino, los paisajes vitivinícolas, su papel dentro del fenómeno del enoturismo, las características de sus museos, centros de interpretación o bodegas musealizadas y su movimiento asociativo, en las que se plantea como el vino y su cultura se abren paso en una sociedad del bienestar, creando infraestructuras y entramados turísticos a modo de: rutas de vino, paisajes del viñedo, centros de ocio enológicos..., que responden a una nueva demanda social, avalada por la defensa de una tradición cultural milenaria y una bonanza económica de la sociedad española en los años previos a la crisis.

El deseo de introducir el vino en los museos y centros de interpretación, para definitivamente elevarlo a la máxima referencia cultural, hace surgir desde los años noventa del pasado siglo y por todo el país, una nueva tipología de museo acorde a esa demanda social que se está viviendo: Los Museos del Vino de España.

Museu do Vinho de Alcobaça: património, economia e desenvolvimento

Alberto Guerreiro

A exequibilidade do programa museológico do maior museu do vinho do país, reporta desafios que não se esgotam no investimento de base mas que implicam a inclusão do museu no esteio da economia cultural através da instauração de política de sustentabilidade, prevendo linhas reprodutivas, entre elas as da rentabilização financeira, que contribuam exclusivamente para a sua autogestão. Pressuposto que funda, desde logo, na compreensão do museu como parte essencial do *cluster da cultura*, inserido numa dinâmica de crescimento e desenvolvimento local. Sabendo, à partida, que comporta consigo uma dinâmica de impulso socioeconómico, de dimensão local, regional e nacional, a presente comunicação pretende descortinar com realismo e sentido estratégico, os contributos do Museu do Vinho de Alcobaça para o desenvolvimento sustentado e integrado do território e que se expressa no que se pode designar como a sua feição reprodutiva.

Desenvolvimento e sustentabilidade: herança cultural, adegas de autor e enoturismo

Eunice Salavessa

O artigo debruça-se sobre a evolução histórica das adegas do Alto Douro Vinhateiro, desde os vestígios de lagares e celas vinárias romanas encontradas na região, as adegas arcaicas e históricas às adegas de autor do século XXI, que refletem as atuais preocupações dos enólogos e viticultores, quanto às alterações climáticas e à premência das práticas eco eficientes da utilização da água, produção de vinho e construção sustentável de adegas de autor. As adegas do novo milénio utilizam materiais e técnicas construtivas locais e são caracterizadas pelo baixo consumo energético, para além de constituírem centros de atração turística. A classificação do Alto Douro Vinhateiro a “Património Mundial” dinamizou o processo de desenvolvimento turístico, assim como a valorização do Património Arquitetónico e a manutenção dos muros e terraços de vinhas. As adegas projetadas por arquitetos de renome, autênticos emblemas de marca das explorações vinícolas, enquadram-se na região em que se inserem, no património arquitetónico histórico, na gastronomia, nos vinhos jovens e de reserva e na atividade vinhateira.

Geoturismo e enoturismo em rede: uma mais-valia para o desenvolvimento sustentável da região do Douro

José Romão | Mónica Sousa | Elisa Preto Gomes

Os conceitos de Geoturismo e de Enoturismo incorporam espaços territoriais idênticos no sentido da sua localização geográfica, integram o valor estético da paisagem e a sua conservação, promovem e divulgam o património e desenvolvimento ambiental sustentável, para além de abordarem patrimónios de natureza cultural, material e imaterial. Outra conexão relevante entre geologia e enologia consiste na forte inter-relação que existe entre o solo e a tipologia das vinhas de diferentes castas, que irão definir, na generalidade, as características dos vinhos. Estas inter-relações são bem evidentes na Região Demarcada do Douro. A paisagem singular atual duriense é um reflexo do tipo de substrato geológico sobre a qual atuaram os agentes de geodinâmica interna e externa durante muitos milhões de anos e, mais tarde, da intervenção do Homem, desde os tempos pré-históricos. Sendo um território com uma geologia e orografia complexa, a interpretação da paisagem é deveras interessante. A região tem cobertura integral por cartas geológicas, na escala 1/50 000, em que se destacam duas realidades geomorfológicas bem distintas: 1. as vertentes íngremes, talhadas em diversas rochas

graníticas, na zona mais a montante do Rio Douro e dos seus afluentes e 2. a jusante, o percurso faz-se em seis Formações do Grupo do Douro e o vale torna-se mais aberto dando lugar à paisagem vitivinícola. Assim, considera-se que é uma mais-valia significativa a integração nas Rotas de Vinho, já estabelecidas, de conteúdos de interesse geoturístico, criando-se assim novos itinerários “Geo-enológicos”. A elaboração de cartas a escalas adequadas com estes percursos e de guias interpretativos, que incluam lugares com relevância geo-histórica, histórica e apelo aos sentidos, pode ser implementada a nível regional ou local, constituindo sistemas organizados em rede. Estes produtos podem ainda ser implementados e dinamizados em *Websites* e nas redes sociais com elementos que gerem interatividade entre o público em geral e os turistas, nacionais e internacionais, em particular. Esta dinâmica pode ser ainda mais acentuada com a produção de materiais ilustrativos, didáticos, com explanações e interpretações (“histórias contadas”) sobre os geossítios, as vinhas e os vinhos, bem como as suas inter-relações. O futuro da região do Douro passa por potenciar e fomentar o Geoturismo e Enoturismo, pois soluciona problemas de sazonalidade, cria emprego e promove a consciencialização do público para a preservação do património ambiental e cultural.

Informações Biográficas

Carlos Brochado de Almeida é doutorado pela Universidade do Porto; Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (ap.) e Professor do Instituto Universitário da Maia. É investigador principal do CETRAD - Centro de Estudos Transdisciplinar para o Desenvolvimento (uID 4011, FCT), GR1 - Turismo, Identidades e Património Cultural.

Mila Simões de Abreu é Professora Auxiliar na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Publicou 52 artigos em revistas especializadas e 47 trabalhos em atas de eventos, possui 11 capítulos de livros e 13 livros publicados. Participou em 7 eventos no estrangeiro e 11 em Portugal. Recebeu 2 prémios e/ou homenagens. Atua na área de Ciências da Terra e do Ambiente Na sua atividade profissional interagiu com 58 colaboradores em coautorias de trabalhos científicos.

Rui Tina Neto é natural de Malange, Angola e vive em Meda, Guarda. Licenciou-se em Antropologia Aplicada ao Desenvolvimento pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (2006), onde frequenta o Mestrado em Arqueologia Pré-Histórica e Arte Rupestre. É investigador-colaborador da Unidade de Arqueologia da UTAD.

Desde 2015, integra a equipa de trabalhos arqueológicos de investigação multidisciplinar: "Meandro – CVR: O Pacto estabelecido entre as Práticas Funerárias e a Paisagem: o Exemplo do Meandro Alto da Corvina - Moinho Velho - Fonte da Romã na Pré-História Recente (Tomar, Portugal)".

António Pirra concluiu Doutoramento na Área científica de Ciências Agrárias e Ciências Agronómicas pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em 2006. É Professor Auxiliar na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. A sua área de investigação são as ciências agrárias com especial incidência em Biotecnologia Agrária e Alimentar, Biotecnologia Ambiental e Ciências Naturais e Ciências da Terra e do Ambiente.

Odete Barra é licenciada em História (Variante Arqueologia) pela FLUP. Mestranda em Património Cultural e Desenvolvimento do Território na Universidade Portucalense. Exerce funções de arqueóloga no Município de Monção desde 2002. Responsável pelos projetos do Centro Interpretativo do Castro de São Caetano, Museu do Alvarinho e Torre de Lapela

Paulo Monteiro, cofundador e responsável criativo da Glorybox. Participou em diversos projetos museológicos nacionais e internacionais, desenvolvendo conceitos e projetos que contam histórias e criam conhecimento. A Glorybox desenvolve a sua atividade no âmbito da gestão patrimonial e cultural, atuando em projetos de valorização cultural e territorial com uma forte incidência na conceção e montagem de museus, centros de interpretação e estratégias de valorização territorial. É licenciado em História | Pós-Graduação em Gestão Documental, variante de Arquivo | Mestrado em Cultura e Formação Autárquica.

Nuno Prates nasceu em Alpiarça em 27 de Maio de 1973. Conservador da Casa dos Patudos – Museu de Alpiarça desde 2011 até ao presente. É Licenciado em História (Variante de Arqueologia) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1999), Ramo de Formação Educacional (2000). Frequentou ainda a Licenciatura em História da Arte, na mesma Universidade. Frequentou o curso de Estudos Pós Graduados em Museologia, Universidade de Évora. Na Universidade Aberta, Lisboa obtém o Curso – Inventário do Património Cultural Imaterial. É ainda formador na área e domínio da Didática da História, pela Universidade do Minho. Mestrando em Gestão e Valorização do Património Cultural – especialidade Património Artístico e História da Arte. Professor de História, Investigador em História Local e Regional e Museólogo. Tem colaborado em algumas publicações no âmbito da sua área académica e profissional.

António Maduro é doutorado em História Contemporânea pela Universidade de Coimbra. É investigador principal no Centro de Estudos de Desenvolvimento Turístico/ISMAI e do Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento/UTAD e colaborador do Centro de História da Sociedade e da Cultura/FLUC. É membro da Rural Report/Sociedade Portuguesa de Estudos Rurais, da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial, da Associação dos Amigos do Mosteiro de Alcobaça e da comissão instaladora do Museu do Vinho de Alcobaça. Os principais interesses da investigação centram-se nas seguintes temáticas – Cister, História Rural, Património e Turismo Industrial. Escreveu vários livros e tem diversos artigos científicos publicados em revistas de especialidade e atas de congressos.

Paula Catarino é professora Associada do Departamento de Matemática da Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). Professora da UTAD desde 1985. É membro integrado Centro de Investigação CMAT da Universidade do Minho (polo do CMAT_UTAD) e membro colaborador do Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (Lab-DCT na UTAD).

Maria Nascimento é investigadora do CIDTFF e tem sido professora na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), desde 1985, em Vila Real, onde leciona disciplinas da área da Estatística e Investigação Operacional. Seus principais interesses de investigação estão relacionados ao ensino da Estatística e suas questões didáticas e atitudes face à estatística, bem como a investigação na área da etnomatemática. Recentemente, o pensamento crítico foi incluído nos seus interesses de investigação, sobretudo nas suas ligações com o pensamento estatístico.

Cecília Costa é agregada em Didática das Ciências e Tecnologia e Doutorada em Matemática (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - UTAD), Mestre em Ciências da Educação (Universidade de Coimbra) e Licenciada em Matemática, ramo educacional (Universidade do Porto). Docente do Departamento de Matemática da ECT da UTAD, membro integrado do Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (Lab-DCT na UTAD) e membro colaborador do Centro de Investigação Matemática e Aplicações (GHM).

Rossano Bastos é arqueólogo do Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional/Brasil. Especialista em Arqueologia histórica do Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Ciências/Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Arqueologia Brasileira/Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (USP). Estágio de Pós-doutoramento em Arqueologia Brasileira pelo Museu de Arqueologia e Etnologia/USP. Livre Docente em Arqueologia Brasileira/Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutoramento na Unidade de Arqueologia/Departamento de Geologia/UTAD. Coordenador Nacional de Arqueologia do IPHAN/Brasil de 2001 a 2003. Presidente da Sociedade Brasileira de Arqueologia de 2005 a 2007. Secretário do Congresso Mundial da União Internacional de ciências históricas e proto-históricas/UISPP/2011.

António Modesto (Ponte do Abade, Aguiar da Beira, 1957) estudou pintura e design na ESBAP, atual Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde é professor associado e diretor do Departamento de Design. Para além da atividade académica, tem-se dedicado ao design, à ilustração, ao desenho e à pintura. Foi diretor artístico durante mais de 15 anos do atelier com o seu nome, onde desenvolveu projetos editoriais, design de imagem e identidade visual, mascotes, rótulos e embalagens, equipamento e mobiliário. Realizou várias exposições individuais e participou em mais de uma centena de coletivas de design, ilustração e artes plásticas. Obteve vários prémios e distinções, entre eles: Prémio Calouste Gulbenkian de Ilustração 1980; Prémio Mobil de Cartazes; Menção do V Prémio Internacional Catalònia d'Il·lustració, Barcelona, 1995; Prémio Nacional de Design – Comunicação,

Centro Português de Design, 1999. Vencedor do Concurso e autor da mascote Gil da Expo '98 (em coautoria). Foi diretor artístico da revista *Malasartes*. Autor de manuais para o ensino da Educação Visual nos 2º e 3º ciclos. Escreveu sobre design de imagem do vinho no blogue www.imagemdovinho.blogspot.com

José Paiva doutor em Pintura, Mestre em Arte Multimédia e Licenciado em Artes Plásticas – Pintura pela Universidade do Porto — Faculdade de Belas Artes. É Professor Auxiliar na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Diretor do Curso Doutoral em Educação Artística. Investigador Integrado do i2ADS (Instituto de Investigação em Educação Artística), e Investigador Colaborador do CIIE (Centro de Investigação e Intervenções Educativas). Percurso múltiplo por vários caminhos, aparentemente dispersos, mas relacionados numa atitude transversal de intervenção crítica no tecido social e atenções globalizantes. Trajetória autoral como artista plástico, mostrado em exposições individuais de artes plásticas (8, desde 1983) e em exposições coletivas, por todo o país e no estrangeiro. Coordenador e organizador de exposições temáticas e artísticas realizadas por todo o país e no exterior. Fundador (1988) e diretor da GESTO Cooperativa Cultural. Forte envolvimento em ações interculturais, de índole artística e cultural com comunidades em Moçambique, Brasil, Cabo Verde e Portugal, organizadas pelo movimento intercultural — Identidades.

Alberto Guerreiro é Antropólogo e Museólogo. Diretor do Museu do Vinho de Alcobaça e coordenador da RMPV. Doutorando da Universidade de Évora. Investigador integrado do Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora e do Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Colaborador do Centro de Estudos e Desenvolvimento Turístico do Instituto Universitário da Maia. É licenciado em Antropologia (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1998) e pós-graduado em Museologia e Património (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2005).

Coordenador técnico e científico do serviço de museologia do Município de Alcobaça. Diretor e membro da comissão instaladora do Museu do Vinho de Alcobaça (antigo Museu Nacional do Vinho). Coordenador da Rede Portuguesa de Museus do Vinho da Associação dos Municípios Portugueses do Vinho. As suas áreas de especialização académica e profissional são a programação e a gestão de museus. Especialista, igualmente, nas áreas da etnologia (tecnologia) e da programação de exposições (curadoria).

Desde 2007, desenvolve uma investigação inscrita atualmente no programa de doutoramento, detendo como tema central a dicotomia tutela vs museu, centrada no estudo dos modelos de gestão existentes no panorama contemporâneo da museologia em Portugal, tendo ainda como objeto de análise a problemática associada à autonomia de gestão dos museus portugueses.

Jorge Custódio nasceu em Santarém, em 1947. Doutorou-se pela Universidade de Évora. Investigador integrado do IHC da FCSH da UNL. Prémio Carreira (2015). Dirigiu o Projeto Municipal “Santarém a Património Mundial” (1994-2002), o Convento de Cristo (2002-2007) e o Museu Nacional Ferroviário (2009-2011). Foi comissário das exposições *Arqueologia Industrial: Um Mundo a Conhecer um Mundo a Defender*, realizada na Central Tejo, Lisboa (1985) e *100 Anos do Património. Portugal 1910-2010. Memória e Identidade* (2010), entre outras mostras. Especializou-se em Arqueologia Industrial e Património Mineiro. Desenvolveu diversas intervenções arqueológicas em sítios industriais. Foi coordenador de diversos projetos e programas de museus industriais e mineiros. Pertence à Comissão Instaladora do Museu do Vinho de Alcobaça. Publicou diversas obras e estudos. É presidente da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial. Coordena o Projeto de Investigação sobre a Era da Energia a Vapor em Portugal (1820-1974), no IHC.

Natália Calvo é licenciada em Ciências da Comunicação e da Cultura, com especialização em Gestão de Atividades Culturais. Na sequência de um convite para integrar a equipa multidisciplinar que desenvolvia o Plano Estratégico do Turismo para o Concelho de Loures, é admitida em 2005 no Gabinete de Turismo da Câmara Municipal deste concelho. De forma a integrar a equipa técnica da Plataforma Intermunicipal para as Linhas de Torres, transita em 2007 para a Área de Museus do Departamento de Cultura, Desporto e Juventude da Câmara de Loures, onde também participa no projeto de implantação do Museu do Vinho e da Vinha em Bucelas, assim como na preparação, planeamento e gestão de outros projetos candidatos a programas de financiamento, tanto nacional como comunitário. Atualmente a exercer funções no Museu do Vinho e da Vinha em Bucelas, colabora na planificação e gestão de iniciativas nas áreas do Serviço Educativo e Centro de Documentação do mesmo, assim como na organização de seminários, encontros e workshops relacionados com as várias temáticas dos projetos desenvolvidos. É também responsável pela gestão da Loja do Museu e pela conceção e posterior análise de questionários e inquéritos ao público, assim como pela estatística dos visitantes da Rede de Museus de Loures. É membro efetivo da comissão técnica da Rota Histórica das Linhas de Torres – Associação para o Desenvolvimento Turístico e Patrimonial das Linhas de Torres Vedras (RHLT).

Florbela Baptista é licenciada em Sociologia, com especialização em Sociologia Política, Administrativa e Autárquica pela Universidade Autónoma de Lisboa. Em 1996 concluiu a pós-graduações em Sociologia do Território no ISCTE e, em 2000, Sociologia da Saúde no Instituto Superior de Ciências da Saúde-Sul.

Ingressou na Câmara Municipal de Loures em 1995, para a realização de diagnósticos socioculturais do território no âmbito do Projeto da Carta Cultural de Loures. Seguiu-se a experiência no Projeto Cidades Saudáveis e a elaboração da Carta da Saúde do Município. De 2001 a 2007 no âmbito do Programa Especial de Realojamento PER desenvolveu funções nos Gabinetes de Intervenção Social localizados nos núcleos de barracas e bairros municipais.

Em 2008 colaborou na Revisão do Plano Diretor Municipal e noutros Planos de Pormenor e de Urbanização. No mesmo ano assumiu ainda Chefia da Divisão Municipal de Habitação. De 2009 a 2013 com funções no Gabinete da Vice-Presidência da C. M. Loures coordenou e acompanhou diversos projetos das áreas do Urbanismo, Planeamento, Mobilidade, Energia, Contrato Local de Segurança, Cultura, Desporto e Juventude. Em 2014 integra a Divisão de Economia e Inovação e atualmente é responsável pelo Projeto Promoção Territorial e Desenvolvimento Loures Norte. Tendo como foco o vinho branco de Bucelas, cuja região está demarcada desde 1911, planeia e desenvolve ações de valorização da tradição e cultura vitivinícola com vista ao crescimento económico do território. Organiza eventos em parceria com agentes locais na promoção de Bucelas, Capital do Arinto. Na gestão e dinamização da Rota de Vinhos de Bucelas, Carcavelos e Colares organiza iniciativas para estimular a oferta turística assente na qualidade do território, na produção vitivinícola e na gastronomia regional. É representante do Município de Loures na AMPV, nos Grupos Coordenadores da Rede de Museus Portugueses do Vinho e Rede das Aldeias Vinhateiras de Portugal.

Maria del Rocio Acha Barral es Doctora en Historia del Arte con Sobresaliente Cum Laude. Especialista y Máster en Museología. Profesora universitaria en la UNED: Universidad Nacional de Educación a Distancia. Directora del Museo del Vino de Cambados en Galicia y Presidenta Fundadora de la Asociación de Museos del Vino de España.

José Romão é Licenciado em Geologia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Coimbra (1983) e Doutoramento pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (2001). Iniciou a sua carreira nos serviços Geológicos de Portugal (1983) e, atualmente é Investigador do Laboratório Nacional de Energia e Geologia (LNEG).

Foi Presidente do Conselho Científico da Secção de Geociências (2004-2010) e Membro da Comissão Coordenadora do Conselho Científico (2004-2010) do Laboratório Nacional de Energia e Geologia e Tesoureiro da Sociedade Geológica de Portugal (2010-2014). Atualmente é Presidente da Associação Portuguesa de Geólogos.

Iniciou a sua atividade docente no Instituto Politécnico de Leiria (2006-2009), prosseguindo posteriormente com a mesma no Instituto Superior de Línguas e Administração de Lisboa (2009-2013) e, mais tarde, na Universidade Europeia – Laureate International Universities (2013-2016).

As suas atividades de ID&I têm estado focadas na Geologia do Paleozoico e do Pré-câmbrico, nomeadamente, na identificação e caracterização da litostratigrafia, do metamorfismo e das fases de deformação das orogénias Cadomiana e Varisca, com a finalidade de se arquitetar um modelo de evolução geodinâmica para o Maciço Ibérico.

Nos últimos anos tem dedicado algum tempo à divulgação das Geociências e às relações entre Geoturismo e Enoturismo, bem como às interações que ocorrem entre a Geologia e a Enologia.

Mónica Sousa, natural do Porto, é mestre em Prospeção e Avaliação de Recursos Geológicos pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, onde se licenciou em Geologia (Ramo Científico-Tecnológico), em 2002. Encontra-se a desenvolver, na mesma faculdade, a tese de doutoramento em Geociências, na especialidade de Petrologia e Geoquímica. Trabalhou como geóloga na empresa Metro do Porto, S.A. e como Técnica Superior de Geologia na Câmara Municipal do Porto e exerceu funções de formadora de pessoal docente em alguns centros de formação. Foi bolsista de investigação no Centro de Geologia da Universidade do Porto. Tem publicado vários artigos em congressos científicos e revistas nacionais e internacionais. É coautora de guiões de campo de geologia e do livro “Património Geológico. Geossítios a visitar em Portugal” editado pela Porto Editora em 2012. Para além das atividades de investigação em Mineralogia, Petrologia e Geoquímica tem dedicado particular atenção ao património geológico, nomeadamente na conservação, valorização e divulgação do Complexo Metamórfico da Foz do Douro, tendo sido responsável pelo desenvolvimento do projeto “Passeio Geológico da Foz do Douro”. Tem participado em inúmeras atividades de divulgação científica, onde se incluem as ações desenvolvidas no âmbito da “Geologia no Verão” (Ciência Viva), bem como do Porto Cidade de Ciência e da Associação Portuguesa de Geólogos. Integra, desde 2010, a Comissão Diretiva da Associação Portuguesa de Geólogos (APG) e exerce funções de delegada nacional na Federação Europeia de Geólogos (FEG). É também Coordenadora do Painel de Especialistas em Património Geológico da FEG desde 2015. Em fevereiro de 2016 iniciou funções de Diretora Executiva na APG que acumula com as funções de membro da Comissão Diretiva.

Elisa Gomes é bacharel e licenciada pela Universidade do Porto em 1982 e 1984. Mestre pela Universidade de Aveiro em 1989. Fez provas de Doutoramento e Agregação na UTAD em 1996 e 2008. É Professora Catedrática na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Publicou 35 artigos em revistas indexadas e 162 trabalhos em atas de eventos, possui 13 capítulos de livros e 8 livros publicados. Possui 29 itens de produção técnica. Orientou 2 teses de doutoramento e coorientou 2, orientou 6 dissertações de mestrado e coorientou 4, além de ter orientado 4 trabalhos de conclusão de licenciatura na área de Ciências da Terra e do Ambiente.

Eunice Salavessa é Professora Auxiliar da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Departamento de Ciências Florestais e Arquitetura Paisagista. Doutorada desde 2002 Ciências Exatas, Naturais e Tecnológicas – Ciências da Engenharia pela UTAD e com mestrado em Reabilitação da Arquitetura e Núcleos Urbano pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa (FAUTL) 1994/95. Membro do CITAB/UTAD, no Grupo de Biosystems Engineering.

Comissão Organizadora

Comissão executiva

Alberto Guerreiro – CIDHEUS | Universidade de Évora | Museu do Vinho de Alcobaca

João Tomé Duarte – CITCEM | FLUP | Museu do Douro

José Arruda – AMPV

Susana Marques – Museu do Douro

Secretariado

João Tomé Duarte

Maria João Fonseca

Sandra José

Susana Marques

Grupo de Trabalho da Rede de Museus Portugueses do Vinho

Associação dos Municípios Portugueses do Vinho

Museu da Bairrada

Museu de Bucelas

Museu de Monção

Museu de Ponte de Lima

Museu do Douro

Museu do Vinho de Alcobaca

Museu do Vinho de Alenquer

Quinta do Sanguinhal

Comissão Científica

Alexandre Guedes – CETRAD | UTAD

António Maduro – CEDTUR | CETRAD | ISMAI

António Modesto – ID+ | FBAUP

Artur Cristóvão – CETRAD | UTAD

Carlos Brochado de Almeida – CEDTUR | CETRAD | UP | ISMAI

Carlos Fernandes – CETRAD | IPVC

Carlos Marques – CETRAD | UTAD

Eduardo Gonçalves – CEDTUR | CETRAD | ISMAI

João Rebelo – CETRAD | UTAD

Jorge Custódio - IHC/FCSH- UNL

José Paiva – I2ADS | FBAUP

Manuel Luís Tibério – CETRAD | UTAD

Mila Simões Abreu – CETRAD | UTAD

Octávio Sacramento – CETRAD | UTAD

Paulo Castro Seixas – ISCSP | UL

Xosé Xerardo Pereiro Pérez – CETRAD | UTAD